

O ESMAECIMENTO DA DOCÊNCIA NAS PRÁTICAS DO EMPREENDEDORISMO
NAS ESCOLAS

*EL DESVANECIMIENTO DE LA ENSEÑANZA EN LAS PRÁCTICAS DE
EMPRESARIADO EN LAS ESCUELAS*

THE FADING OF TEACHING IN ENTREPRENEURSHIP PRACTICES AT SCHOOL



Silvane Gema Mocellin PETRINI¹
e-mail: silmocellinpetrini@gmail.com



Fernanda WANDERER²
e-mail: fernandawanderer@gmail.com

Como referenciar este artigo:

PETRINI, S. G. M.; WANDERER, F. O esmaecimento da docência nas práticas do empreendedorismo nas escolas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024007, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.16856>



- | Submetido em: 16/06/2022
- | Revisões requeridas em: 28/03/2023
- | Aprovado em: 11/08/2023
- | Publicado em: 15/01/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Técnica em Assuntos Educacionais da Secretaria de Educação a Distância da UFRGS (SEAD/UFRGS).

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu – UFRGS).

RESUMO: O artigo é fruto de uma pesquisa que objetivou examinar os modos de ser professor engendrados pela Educação em Revista (ER), endereçada aos docentes e gestores de instituições privadas de ensino do Rio Grande do Sul, quando aborda e incentiva o trabalho com empreendedorismo nas escolas. Os aportes teóricos que sustentaram a investigação se vinculam ao campo pós-estruturalista, sobretudo às contribuições de Michel Foucault. O material empírico consistiu em exemplares da Educação em Revista divulgados entre os anos de 2013 a 2020. A estratégia utilizada para operar sobre esse material foi a análise do discurso, como proposto por Foucault. O exame das reportagens mostrou que: a) o empreendedorismo apresenta-se como um tema relevante e livre de questionamentos nas práticas pedagógicas das escolas privadas do RS; b) na ER há a constituição de um professor *designer* nas tramas das práticas empreendedoras, gerando um esmaecimento da docência.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Escolas privadas. Docente. Michel Foucault.

RESUMEN: El artículo es resultado de una investigación que tuvo como objetivo examinar las formas de ser docente engendradas por Educación em Revista (ER), dirigida a docentes y gestores de instituciones educativas privadas de Rio Grande do Sul, cuando aborda y incentiva el trabajo con el emprendimiento en las escuelas. Los aportes teóricos que sustentaron la investigación están vinculados al campo postestructuralista, en especial los aportes de Michel Foucault. El material empírico consistió en ejemplares de Educación em Revista publicados entre 2013 y 2020. La estrategia utilizada para operar con ese material fue el análisis del discurso, tal como lo propone Foucault. El examen de los informes mostró que: a) el emprendimiento se presenta como un tema relevante y libre de cuestionamientos en las prácticas pedagógicas de las escuelas privadas de RS; b) en la RE se produce la constitución de un docente diseñador en las tramas de prácticas empresariales, generando un desvanecimiento de la docencia.

PALABRAS CLAVE: Emprendimiento. Escuelas privadas. Docente. Michel Foucault.

ABSTRACT: The article is the result of a research that aimed to examine the ways of being a teacher engendered by Educação em Revista (ER), addressed to teachers and managers of private educational institutions in Rio Grande do Sul, when it addresses and encourages work with entrepreneurship in schools. The theoretical contributions that supported the investigation are linked to the post-structuralist field, especially the contributions of Michel Foucault. The empirical material consisted of copies of Educação em Revista published between 2013 and 2020. The strategy used to operate on this material was discourse analysis, as proposed by Foucault. The examination of the reports showed that: a) entrepreneurship presents itself as a relevant and free of questioning theme in the pedagogical practices of private schools in RS; b) in the ER there is the constitution of a designer teacher in the plots of entrepreneurial practices, generating a fading of teaching.

KEYWORDS: Entrepreneurship. Private schools. Teacher. Michel Foucault.

Introdução

O artigo é fruto de uma investigação que objetivou examinar os modos de ser professor engendrados por uma revista (a Educação em Revista - ER) endereçada aos docentes e gestores de instituições privadas de ensino do Rio Grande do Sul, quando aborda e incentiva o trabalho com empreendedorismo nas escolas. Problematizar questões relacionadas ao empreendedorismo justifica-se por sua grande presença nas diversas agendas econômicas, sociais e, mais recentemente, educacionais. Estando fortemente relacionado ao âmbito da Administração e Economia (Razzolini Filho, 2011), o discurso do empreendedorismo, nos últimos anos, se faz presente na área da Educação, disseminando enunciações que expressam a relevância do desenvolvimento de indivíduos empreendedores, comprometidos com sua formação e seu aperfeiçoamento constante (Fraiman, 2016).

Em efeito, observamos que as práticas empreendedoras ganham espaço nas instâncias educacionais, sustentadas até mesmo por documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Projeto de Lei 2.944/2021. A BNCC, um documento de caráter normativo, apresenta-se como referência para a construção dos currículos da Educação Básica, sendo endereçada para as redes de ensino públicas e privadas. Ao longo do texto, as citações vinculadas ao empreendedorismo são enfáticas: “a escola que acolhe as juventudes deve: [...] proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo” (Brasil, 2018, p. 478-479). Na sequência, a referida normativa demanda para as instituições escolares a tarefa de produzir sujeitos empreendedores, os quais são narrados como líderes, responsáveis, capazes de assumir riscos, inovadores, protagonistas e que tenham um projeto de vida.

Outro documento relevante é o Projeto de Lei 2.944/2021³ que propõe a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a fim de incluir o empreendedorismo e a inovação como temas transversais nos currículos da Educação Básica e do Ensino Superior. Sinaliza que há uma vinculação entre a escola proposta pela LDB e o empreendedorismo, haja vista que: “a LDB propõe uma escola democrática, participativa, autônoma, responsável, flexível e comprometida, atualizada e inovadora, humanizada e holística. Essa principiologia, portanto, guarda sintonia com os conceitos norteadores do empreendedorismo e inovação”. (Brasil, 2021, p. 3).

³ Aprovado pelo Plenário do Senado Federal em 30/09/2021 e encaminhado à Câmara dos Deputados. Maiores informações disponíveis em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/149527>. Acesso em: 15 maio 2022.

O referido Projeto anuncia que o empreendedorismo se constitui elemento fundamental para o desenvolvimento econômico e para a geração de emprego e renda, sendo a educação uma ferramenta a ser utilizada para tal intento. “Há farta literatura correlacionando empreendedorismo e desenvolvimento econômico, com impactos relativos na geração de emprego e renda. Igualmente, há estudos importantes ligando o empreendedorismo a melhores níveis de produtividade e inovação” (Brasil, 2021, p. 3). Partindo do pressuposto de que há uma discursividade do empreendedorismo presente, sobretudo na BNCC (2018) e no Projeto de Lei 2.944/2021, suspeitamos que esses documentos se configuram como instrumentos eficazes para validar e potencializar a prática do ensino do empreendedorismo nas instituições educacionais, tornando-a praticamente isenta de questionamentos.

Ao realizarmos a revisão de literatura sobre pesquisas desenvolvidas nos últimos cinco anos envolvendo os marcadores – empreendedorismo e educação – identificamos que grande parte dos estudos abarca as potencialidades de práticas empreendedoras no currículo escolar, como mostram Prytoluk (2019), Moraes (2019) e Mengue (2019). A pesquisa de Prytoluk (2019) avalia a articulação entre educação e empreendedorismo no ensino de ciências, escrutinando atividades empreendedoras a partir da percepção de professores das áreas de Física, Biologia e Química. Observou que há uma forte vinculação da Educação Empreendedora às diretrizes da Educação Científica. O estudo de Moraes (2019) examinou os resultados obtidos a partir do Curso Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), promovido pelo SEBRAE junto à uma escola municipal de Pejuçara, no período entre 2014 a 2018. Conclui que o curso proporcionou mudanças nas práticas pedagógicas de alguns professores, incluindo discussões sobre empreendedorismo. Na mesma direção, o trabalho de Mengue (2019) empreendeu uma análise a respeito da pedagogia empreendedora de Fernando Dolabela, atentando para os pressupostos que essa pedagogia põe em circulação e de que modo contribui para a proliferação da educação empreendedora nas escolas. Entre os principais achados, destacam-se: a educação empreendedora como possibilidade de formar sujeitos protagonistas de suas vidas e a pedagogia empreendedora como um caminho para o desenvolvimento de sujeitos capazes de construir os quatro saberes fundamentais: saber conhecer, saber fazer, saber conviver, saber-ser.

A presente revisão mostrou que ainda são poucas as pesquisas relacionadas à temática do empreendedorismo sustentadas pelas teorizações foucaultianas, como nosso estudo. Ademais, não encontramos trabalhos que problematizaram as constituições dos modos de ser docente potencializadas pelas práticas empreendedoras nas escolas. Em vista disso, entendemos

que este trabalho pode ser potente no sentido de realizar outros alinhavos em relação ao tema Empreendedorismo e Educação, tanto nos aspectos teóricos, quanto nas reflexões sobre o lugar do professor na contemporaneidade.

Bases teóricas

Ao problematizarmos o empreendedorismo na educação, nos amparamos em autores que, seguindo a produção teórica de Michel Foucault, estabelecem os fortes vínculos do empreendedorismo com a racionalidade neoliberal e a Teoria do Capital Humano. Para Dardot e Laval (2016), a racionalidade neoliberal não se configura apenas como um modelo econômico, uma vez que está presente em distintos modos de ser, estar e viver. Essa racionalidade pode ser entendida como uma razão de mundo que não fica atrelada à economia ou restrita a um lugar específico, pois ela invade, respinga e mancha outros espaços, como a escola. Criatividade, competição, inovação, formação continuada e empreendedorismo são expressões recorrentes no discurso pedagógico contemporâneo que delegam à instituição escolar a responsabilidade em constituir sujeitos para atuarem na lógica mercantil.

O neoliberalismo, para Dardot e Laval (2016), pode ser significado como uma racionalidade, um modo de pensar que conduz e organiza não apenas as práticas dos governantes, mas também dos governados. Como aprendemos com Foucault (2008, p. 311), as táticas do processo de governo investem nos indivíduos, capacitando e aprimorando suas competências para que sejam seu próprio capital humano “sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda”. Nessa direção, Silva (2018) destaca que a racionalidade neoliberal não atua somente sobre a condução dos indivíduos, mas faz com que todos se tornem responsáveis por suas escolhas, gerando, assim, um sujeito empresário de si.

Neste ponto, observamos as fortes relações entre a racionalidade neoliberal e as teorizações referentes ao Capital Humano. Como discutido por Costa (2009), a teoria do Capital Humano está fundamentada nos estudos do economista Theodore Schultz, quando vinculava o capital humano à criança, pressupondo que esta poderia ser um elemento fundamental para uma teoria econômica da população. Apoiando-se nas discussões foucaultianas de biopolítica e governamentalidade, Costa (2009) destaca que a racionalidade neoliberal intervém na constituição dos sujeitos contemporâneos, disseminando a figura do executivo por todo tecido social e instituindo que a lógica do capital deve ser incorporada à própria existência do indivíduo.

Ao problematizar a lógica do capital, Costa (2009, p. 177) salienta que o indivíduo não estará apenas induzido a pertencer a ela, como será convocado “a tomar a si mesmo como um capital”. Nas palavras do autor

[...] é esse mesmo indivíduo que se vê induzido, sob essa lógica, a tomar a si como um capital, a entreter consigo (e com os outros) uma relação na qual ele se reconhece (aos outros) como uma microempresa; e, portanto, nessa condição, a ver-se como entidade que funciona sob o imperativo permanente a fazer investimentos em si mesmo – ou que retornem, a médio e/ou longo prazo, em seu benefício – e a produzir fluxos de renda, avaliando racionalmente as relações de custo/benefício que suas decisões implicam (Costa, 2009, p. 177).

Ao longo de sua argumentação, Costa (2009) refere que ao reconhecer-se como uma microempresa que precisa fazer constantes investimentos em si, os indivíduos assujeitam-se às lógicas do âmbito empresarial que adentram, entre outras, a esfera educacional. Essa forma de vida empresarial tem se ramificado nas escolas, produzindo efeitos sobre o currículo, sobre as práticas escolares e sobre os modos de ser professores e alunos que passam a conviver com os jogos de mercado na cultura escolar.

No que concerne a jogos de mercado e a educação, consideramos pertinente destacar o estudo de Lopes (2009). A autora faz alusão à inclusão e permanência dos sujeitos (escolares) que são conduzidos para que não apenas entrem no jogo, mas permaneçam nele e, sobretudo, desejem permanecer. Essa engrenagem só será possível por meio de duas grandes regras. A primeira é que nos mantenhamos em atividade constante, não sendo permitido a ninguém ficar de fora. Para que isso seja possível, o Estado alia-se ao mercado com o intuito de “educar a população para que ela viva em condições de sustentabilidade e de empresariamento”. (Lopes, 2009, p. 155). A segunda regra diz respeito à garantia de que todos sejam incluídos nesse jogo econômico por meio de três condições principais: “primeiro, ser educado em direção a entrar no jogo; segundo, permanecer no jogo (permanecer incluído); terceiro, desejar permanecer no jogo” (Lopes, 2009, p. 155). A escola, por sua vez, contribui para que todos entrem, permaneçam e desejem jogar.

Sustentando-se nos estudos de Richard Sennett, Veiga-Neto e Saraiva (2009) abarcam a ideia de que nesse jogo econômico, as empresas precisam de indivíduos que sejam capazes de estar em constante processo de aprendizagem – aprender a aprender – destacando que a escola passa a exercer um papel fundamental. “Entendemos que aprender a aprender significaria tornar-se empresário de si, colocando-se num processo de gestão daquilo que, segundo Foucault, é chamado de capital humano pelo neoliberalismo” (Veiga- Neto; Saraiva, 2009, p.

199). E, na sequência, expressam: “Gerir seu capital humano é buscar estratégias de multiplicá-los. À escola caberia ensinar técnicas de gestão”. (Veiga- Neto; Saraiva, 2009, p. 199). Nesse sentido, Lockmann e Machado (2018) corroboram essa questão ao problematizar que a educação

foi fundamental na propagação de certos discursos e na invenção de um tipo de sujeito, na medida em que, por intermédio, se racionaliza um ideal de sociedade. Desse modo, compreendemos que a educação é concebida dentro de políticas de modos de produção de um tipo de sujeito e de um tipo de sociedade, mobilizando vários atores a participar dessa construção (Lockmann; Machado, 2018, p. 129).

As autoras fundamentam-se nos estudos de Costa (2009) para discutir sobre os modos pelos quais a educação se torna agente de políticas que atuam sobre o governo de indivíduos e de uma população, colaborando para a constituição de modos de viver e de conduzir os sujeitos, seja numa perspectiva individual ou coletiva. Destacam que a educação pode ser “responsável por acolher os indivíduos, trazê-los para o domínio de alguém ou de alguma coisa e conduzi-los [...] a escola pública tem sido uma das maiores responsáveis por essa condução” (Lockmann; Machado, 2018, p. 130).

Nessa esteira, Lockmann e Machado (2018) problematizam o agenciamento da educação e, sobretudo, da escola para produzir sujeitos empreendedores, os quais deverão estar mobilizados, mesmo que minimamente, para participar do jogo econômico do neoliberalismo. O discurso neoliberal sustenta a ideia de que o desenvolvimento econômico será realizado plenamente se a sociedade dispor de indivíduos empreendedores e inovadores. Para as autoras, essa produção perpassa “um forte investimento no sujeito [...] que não apenas precisa entrar e permanecer no jogo, mas sobretudo, desejar permanecer. Assim, a educação é acionada para que se invista em cada sujeito, para que se invista em seu capital humano” (Lockmann; Machado, 2018, p. 142).

O empreendedorismo, para as autoras, pode ser entendido como um fator determinante para garantir o jogo econômico do estado neoliberal, não apenas auxiliando para que este modo de viver continue, mas para que ele se sustente, produzindo sujeitos ativos e produtivos. Desta forma, ele contribui para individualização do sujeito que passa a ser responsabilizado não apenas pela expansão do desenvolvimento econômico, como também por suas escolhas, garantindo sua permanência no jogo neoliberal. Para que isso ocorra, é necessário que o indivíduo esteja vinculado à produtividade, à lógica do mercado e à produção. Cada vez mais, a escola parece estar (com)portando-se de modo empresarial, alinhada às lógicas de mercado,

garantindo que todos façam parte do jogo neoliberal por meio de algumas práticas, como aquelas que enfatizam o empreendedorismo.

Concepções metodológicas

Em termos metodológicos, a presente pesquisa pode ser caracterizada como pós-crítica, amparada por estudiosos alinhados ao pensamento de Michel Foucault, como Paraíso (2014), Veiga-Neto (2003) e Fischer (2001). Paraíso (2014) afirma que pesquisas pós-críticas não possuem métodos pré-estabelecidos que orientem uma forma específica de gerar e analisar o material empírico. “Sabemos que o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos” (Paraíso, 2014, p. 23-24). Nosso estudo, seguindo a autora, foi movido por inquietações que tínhamos a respeito do trabalho com empreendedorismo nas escolas, principalmente sobre os modos de ser professor engendrados por uma revista que circula nas escolas privadas do RS, a Educação em Revista (ER).

O material de pesquisa examinado consiste em exemplares da ER, um periódico produzido pelo Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul - SINEPE/RS. O Sindicato é uma instituição sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e de capital particular que congrega e representa, na base territorial do RS, a categoria econômica integrada pelas escolas de ensino fundamental, médio e superior, centros universitários, universidades, escolas de ensino técnico e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conforme o Censo Escolar da Educação Básica referente ao ano de 2017 (Rio Grande do Sul, 2018), 22% dos professores do Estado atuam em escolas privadas. Outrossim, é importante destacar que muitos educadores que trabalham na rede privada de ensino também lecionam, de forma concomitante, na rede pública. Desta forma, pode-se dizer que a Revista aqui examinada tem uma grande abrangência entre os docentes do Estado, justificando-se seu exame.

A ER teve sua primeira edição em 1996. De tiragem bimestral e, por vezes, trimestral, constitui-se, até o presente momento, em 143 exemplares que, além de serem adquiridos em seu formato físico, por meio de assinatura, podem ser acessados de modo online. Para delimitar o material empírico, muitos foram os movimentos realizados na tentativa de selecionar os exemplares e as reportagens a serem escrutinadas. Inicialmente, percorremos todos os sumários das 143 revistas para visualizar quais reportagens compunham os sumários das revistas, que matérias eram veiculadas com maior recorrência e o que mais se destacava sobre o

empreendedorismo.

Ao observar as capas, encontramos os termos “empreender” e “empreendedores” na revista de número 96, publicada no ano de 2013, sob o título “Aprender para empreender: como nascem os empreendedores nas IES”. Desse modo, passamos a considerar as revistas a partir da edição de número 96 e o material empírico foi delimitado do seguinte modo: 35 exemplares, entre os anos de 2013 a 2021, compreendendo 93 reportagens. Após a delimitação temporal a respeito das revistas que constituiriam o material empírico, passamos à leitura de todas elas a fim de selecionar os excertos que seriam analisados.

O conjunto das reportagens foi examinado seguindo a análise do discurso, na perspectiva de Michel Foucault. Como indicado pelo filósofo, basicamente nas obras de Foucault (2002) e de Foucault (2001), as discussões que envolvem o discurso remetem à uma reflexão sobre o papel da linguagem. Afastando-se de compreensões nas quais a linguagem apenas traduz o discurso ou nosso pensamento, para Foucault (2002) ela pode ser tomada como constituidora dos sujeitos e dos objetos sobre os quais narra. Paraíso (2014, p. 29) chama à atenção para questões da ordem da linguagem ao dizer que: “o discurso que interrogamos produz objetos, práticas, significados e sujeitos”. Em uma das passagens mais conhecidas a respeito do discurso, Foucault (2002, p. 56) expressa: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e descrever”.

O discurso, constituído por um conjunto de enunciados, não se resume a elementos significantes que remeteriam ao seu significado (Veiga-Neto, 2007). Para o autor, o discurso “não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual, mas é todo o conjunto de enunciados que [...] moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele.” (Veiga-Neto, 2007, p. 93). Nessa esteira, Fischer (2001) destaca que, para Foucault, nos discursos não há nada escondido para que seja encontrado, vislumbrado ou descoberto. O que estão presentes são enunciados e enunciações que o colocam em funcionamento.

Ao problematizar as pesquisas na perspectiva foucaultiana, Veiga-Neto (2007) salienta que à medida que optamos por realizar estudos nesse registro teórico, não poderíamos nos preocupar em partir de conceitos pré-estabelecidos. Tampouco nos lançar numa busca pelos conceitos estáveis e seguros, pois “[...] acreditar que eles tenham tais propriedades é acreditar que a própria linguagem possa ser estável e segura - uma posição que não faz o mínimo sentido

nessa perspectiva” (Veiga- Neto, 2007, p. 19). Argumenta ainda que, em se tratando de questões metodológicas, o que Foucault propõe não se resume a organizar discursos com os quais se irá operar analiticamente, muito menos procurar-se-á encontrar algum conteúdo de verdade, algo que possa estar oculto no conjunto de materiais empíricos examinados. O que mais importa é “estabelecer relação entre os enunciados e o que eles descrevem, para, a partir daí, compreender, quais/qual poder(es) os enunciados ativam e colocam em circulação.” (Veiga-Neto, 2007, p. 104).

Considerando esses entendimentos, ao selecionar, organizar e constituir as relações entre as enunciações presentes na ER sobre o empreendedorismo, estivemos atentas às tarefas do pesquisador que se utiliza da metodologia pós-crítica em seu trabalho. Essa tarefa, após a seleção inicial do material a ser examinado, passa a ser “constituir unidades a partir dessa dispersão, mostrar como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto, sabendo, em primeiro lugar, que a unidade não é dada pelo objeto de análise” (Fischer, 2001, p. 74). Nesse processo, à medida que nos dedicávamos a examinar as enunciações sobre o empreendedorismo nas reportagens da ER evidenciava-se um modo específico de ser professor. O resultado dessa operação será apresentado na próxima seção.

Professor designer e o esmaecimento da docência

Ao examinarmos as reportagens reunidas, um dos primeiros resultados diz respeito à relevância do empreendedorismo nas práticas pedagógicas das escolas privadas do RS. Nesse sentido, a ER parece não duvidar ou questionar sobre a necessidade de o tema ser abordado nos currículos das instituições, como expressam os fragmentos que seguem:

Palestras inspiradoras no Colégio XXX

Em 2017, o evento foi organizado pelos alunos do 9º Ano, do Ensino Médio e de uma equipe de professores, e teve como tema escolhido ‘Efeito dominó’, ou seja, como pequenas ações podem contagiar e causar grande impacto. Foram nove palestras que trouxeram experiências em empreendedorismo, voluntariado e protagonismo juvenil [...] (Educação em Revista, 2018, p. 36)

Alunos do XXX aprendem a empreender

Alunos das turmas do 5º Ano do Colégio XXX, de Porto Alegre, participam desde o início do ano, do projeto Aprendendo a Empreender. Por meio da iniciativa, as crianças têm um primeiro contato com o empreendedorismo, desenvolvendo um plano de negócios, criando, produzindo, divulgando e vendendo seu próprio produto. Com o apoio da Junior Achievement, eles criaram o produto Bolachitos, biscoitos recheados no palito (Educação em Revista, 2013, p. 35).

Empreendedorismo pode começar na sala de aula

E as instituições de ensino estão começando a perceber a relevância do empreendedorismo em seus currículos. Na Escola XXX, de Porto Alegre, a iniciativa Química Social - projeto da disciplina de Química desde 2014 na segunda série do Ensino Médio - prevê a visita dos alunos a uma fábrica de chocolate em Gramado para aprender o processo produtivo e, depois, a criação da própria microempresa, com tarefas que vão da produção à venda dos produtos, passando pela publicidade e contabilidade (Gamba, 2017, p. 23-24).

O conjunto de excertos apresenta práticas que instituem o empreendedorismo nas escolas a partir de uma série de ações, como: palestras, visitas a empresas, novos cursos e projetos nos quais os estudantes possam desenvolver um plano de negócios para criar, produzir, divulgar e vender o próprio produto. Compreendemos que tais práticas não apenas discutem sobre o empreendedorismo, mas “ensinam” modos de ser empreendedor e, ao mesmo tempo, implicam um (re)posicionamento dos docentes. Ou seja, quando a ER narra as ações empreendedoras das escolas, acaba por mobilizar modos de ser professor que passam a ser descritos e valorizados. As enunciações abaixo, retiradas das reportagens que mencionam o empreendedorismo nas escolas, nos ajudam a encontrar algumas respostas:

Professor, o gestor da sala de aula.

[...] o professor designer de currículo entende que os estudantes aprendem em diferentes ritmos e estilos e desenvolve estratégias didáticas personalizadas para mobilizar as aprendizagens significativas. [...] o professor deve ser um “designer de currículos”, ou seja, um docente que vê a aprendizagem independente como essencial. Capacidade de aprender, disposição para conhecer seus alunos e inovar são outras características do professor-gestor. “O processo de ensino-aprendizagem é contínuo e exige de cada pessoa uma abertura para novas práticas educativas [...] quatro características para ser um bom gestor na sala de aula: empatia, liderança, inquietude e postura de pesquisador” (Andrade, 2017, p. 34).

O professor pode ser um mentor do aluno?

Antes de falarmos do professor mentor, precisamos clarificar exatamente o que é um mentor: é aquele que dá suporte ao encorajamento para que outra pessoa gerencie seu próprio aprendizado, maximize seu potencial, desenvolva seus Skills e aprimore sua performance [...] um verdadeiro mentor ajuda a pessoa a ser melhor e a encontrar um sentido para sua vida. [...] é necessário que este professor disposto a se transformar em um mentor busque desenvolver novas habilidades e competências em si mesmo e que esse caminho passe pelo autoconhecimento e por entender as técnicas e ferramentas do coaching, que lhe darão base para desenvolver um trabalho de excelência (Andrade, 2018, p. 10)

Os fragmentos acima nos mobilizam a pensar sobre a expressiva profusão de “modos de ser professor” vinculados às práticas empreendedoras. Estas passagens dizem da relevância dos educadores desenvolverem estratégias didáticas personalizadas, terem disposição para

conhecer seus alunos, encorajarem os discentes a gerenciar seus próprios aprendizados e aprimorar suas performances, além de se autoconhecerem. Nesse cenário, o docente emerge utilizando novas metodologias para atuar na constituição de estudantes que, cada vez mais, devem ser protagonistas, empreendedores e responsáveis por seus projetos de vida e escolhas. Ou seja, percebemos a constituição de um professor *designer* nas tramas das práticas empreendedoras.

Para discutir sobre a emergência de um professor *designer*, nos ancoramos nos estudos de Lipovetsky e Serroy (2015) e Horn e Fabris (2018). Lipovetsky e Serroy (2015), na obra *A estetização do mundo - viver na era do capitalismo artista*, apresentam o *design* como um grande vetor da estetização da vida cotidiana. Argumentam que o capitalismo artista não é tão recente, já que em meados do século XIX foram observadas suas primeiras manifestações. Contudo, destacam que é na emergência da hipomodernidade que o capitalismo desenvolve sua

dimensão artista a ponto de fazer dela um elemento fundamental do desenvolvimento das empresas, um setor criado de valor econômico [...] a atividade estética do capitalismo era reduzida ou periférica: ela se tornou estrutural e exponencial [...] o complexo econômico estético é menos centrado na produção em massa de produtos padronizados do que nas estratégias inovadoras (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 40-41).

Ao longo de sua explanação, destacam que a atividade estética tem se caracterizado como um modo de produção, sobretudo pautada pelo universo do mercado. Enfatizam que as lógicas produtivas mudaram à medida em que não é mais possível separar a produção industrial da cultura, pois “estamos no momento em que os sistemas de produção, de distribuição e de consumo são impregnados, penetrados, remodelados por operações fundamentalmente estética” (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 34). Assim, o capitalismo artista centra-se numa valorização do capital imaterial, também qualificado em “capital inteligência”, “capital humano”, “capital simbólico” que acaba por se configurar como um sistema econômico.

Embora a maior parte das discussões são instadas sobre a arte, os pensadores franceses sinalizam que o capitalismo artista extrapola o universo da arte, tornando-se parte da vida cotidiana. Ao problematizarem esse tipo particular de capitalismo, apresentam o deslocamento do *design* da indústria para todas as esferas da vida, à medida em que discorrem:

As estratégias mercantis do capitalismo criativo transestético não poupam nenhuma esfera. Os objetos usuais são penetrados por estilo e look, muitos deles se tornam acessórios de moda. [...] As arquiteturas de imagens fazem sucesso, valendo por si mesmas, por sua atratividade, sua dimensão espetacular e funcionam como vetor promocional nos mercados concorrenciais do turismo cultural (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 43).

Tendo em vista que “as estratégias mercantis do capitalismo criativo não poupam nenhuma esfera”, pensamos que é possível deslocar tais estratégias para o espaço escolar. Suspeitamos que, de certo modo, a produção do professor *designer* tem relação com os mecanismos descritos acima, pois a docência contemporânea também é convocada a criar seus estilos, redesenhar a aparência de seus produtos, daquilo que coloca em circulação no mercado educacional. Talvez, fazendo uma analogia ao excerto supracitado, pode-se pensar que o professor *designer* se caracteriza como um sujeito que tem suas práticas pedagógicas penetradas por marcas neoliberais que os tornam acessórios em sala de aula, sendo convidados a redesenhar a aparências dos produtos que põem em circulação, sejam eles metodologias, práticas escolares e, até mesmo, formas de viver a docência. O estudo de Horn e Fabris (2018) nos ajuda a discutir os sentidos atribuídos ao *design*. Para elas, esse termo pode ser entendido

[...] como forma de oferecer situações às crianças visando à facilitação da aprendizagem; *design* como modo de dar visibilidade às aprendizagens infantis na escola; *design* como propósito de atuação; enfim, *design* como modo de praticar a vida docente na escola contemporânea. De certa forma, podemos fazer uma analogia com a escola empresa; o cliente precisa ser satisfeito desde a tenra idade, e a docência *design* terá como meta facilitar as aprendizagens e colocar na vitrine tudo que cada indivíduo pode produzir (Horn; Fabris, 2018, p. 38).

O professor *designer* investe num trabalho de imagem, de autoformação, adotando novos looks e estilos. Nesse sentido, apresentamos alguns fragmentos que revelam marcas da emergência de um professor *designer* na ER quando aborda o empreendedorismo:

Em busca da sintonia perfeita

Professores e orientadores precisam sempre se atualizar, buscar conhecer as profissões, as carreiras, as tendências do mercado. Saber relacionar seus conteúdos com temas atuais, dar uma aula interativa, dinâmica e entender e estimular essas crianças e adolescentes são atitudes primordiais do educador para torná-las apaixonadas pela busca do conhecimento e do crescimento pessoal e profissional (Gamba, 2013, p. 25).

Ensino customizado: uma nova proposta pedagógica

Neste projeto, o professor não é mais um mero transmissor de conhecimento, mas um designer de currículo. “O projeto prevê transformações no currículo, adaptando-o às necessidades das crianças do século XXI, com ênfase em tecnologias ativas do ensino, tecnologias de comunicação e informação, com apoio em dados de pesquisa e referencial teórico contemporâneo (Pastore, 2015, p. 10).

A escola e os novos cenários

Precisamos ter uma mentalidade Hacker, ou seja, alguém que conhece muito bem determinado assunto e tenta reutilizá-lo com outras intenções. Uma expressão que se usa muito é “eu preciso hackear a minha escola”, hackear a

minha sala de aula”, “hackear a minha vida” [...] sei que a área de ensino tem uma série de empecilhos, mas é fundamental quebrarmos as rédeas, e já tem um monte de gente quebrando as rédeas na educação (Fedrizzi, 2017, p. 24).

As enunciações acima descrevem um professor que está em constante (re)formação mediante a busca por atualização e necessidade de estar subjacente às tendências do mercado. Pode-se pensar que essas questões são centrais na constituição do professor *designer*, a partir de dois movimentos: um interior e outro exterior. O interior relaciona-se ao fato de que o educador *designer* é aquele que atua sobre si mesmo, adaptando-se a cada nova demanda em que a escola contemporânea é convocada a inserir em seu currículo, como, por exemplo, o ensino do empreendedorismo. O outro movimento - exterior - vincula-se aos efeitos da inserção cada vez maior de tendências mercantis no espaço escolar, subjugando os docentes a deslocarem suas práticas de acordo com os papéis que lhes são atribuídos (mediador, gestor, facilitador, estimulador, tutor). Nessa (com)posição estabelecida pela necessidade de colocar novas práticas em circulação também atuam como *designer* de currículo, à medida em que precisam criar outros modos de conduzir o trabalho pedagógico, tendo o estudante como centro.

Identificamos que a ER produz um professor *designer* que deve se (re)fazer como docente, ao mesmo tempo em que precisa se ocupar em realizar uma adaptação do currículo escolar. Nesse sentido, é possível perceber dois mecanismos para que essa adaptação curricular seja acionada. Um deles está relacionado às legislações e normativas educacionais que justificam e, de certo modo, legitimam a necessidade de se promover uma educação empreendedora a fim de forjar sujeitos protagonistas, autônomos, responsáveis por si e por suas escolhas. Outro mecanismo refere-se a uma espécie de agenciamento ou apelo da ER para que as escolas e os docentes sejam capturados pela prática do empreendedorismo.

Do exposto até aqui, consideramos que é possível assumir que a ER, ao produzir um professor *design* nas práticas ligadas ao empreendedorismo, mobiliza a emergência de um novo *ethos* docente. Ao discutirem sobre a terminologia *ethos*, Dal’Igna e Fabris (2015, p. 18) recorrem à etimologia do termo, argumentando que: “a palavra grega *ethos* é polissêmica, podendo significar um conjunto de hábitos - *ethos hábito* - e de valores, ideias ou crenças, características de uma determinada cultura - *ethos-costume*”. A partir dessas significações, as autoras sinalizam que Foucault descrevia a Modernidade como uma atitude ou como um *ethos*. “Essa atitude ou *ethos* caracteriza-se como uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir” (Dal’igna; Fabris, 2015, p. 81). Inspirada em Foucault, Dalla Zen (2017) também problematizou a constituição de um *ethos* docente sustentado em um

trabalho de si sobre si mesmo, induzindo os professores a uma transformação potencializada por determinadas experiências culturais.

Seguindo as autoras, compreendemos por *ethos* uma maneira específica de agir, sentir, conduzir e viver a docência que passa a ser mobilizada por discursos pedagógicos disseminados nas culturas escolares, como aqueles relacionados ao empreendedorismo. Esses discursos incitam os docentes a organizarem suas práticas e a transformarem suas próprias formas de ser docente. Isso nos faz identificar, nas reportagens da ER vinculadas ao empreendedorismo, a emergência de um *ethos* docente constituído por um professor *designer*, ou seja, um educador que atualiza a docência sob a égide da racionalidade neoliberal, investindo numa mudança tanto de si quanto de suas ações pedagógicas.

Percebemos que um dos efeitos das mudanças provocadas pela emergência de um professor *designer* relaciona-se com o esmaecimento da docência. Apresentamos, a seguir, alguns fragmentos que nos ajudam a mostrar essa ideia:

Como a sua instituição trabalha as metodologias ativas?

Trabalhamos as metodologias ativas em interface ao currículo, desenvolvendo o projeto de ‘Personalização e ensino híbrido: experiências com aprendizagem ativa no Colégio XXX’. Por meio das metodologias como gamificação, sala de aula invertida, personalização e ensino híbrido, os estudantes estão protagonizando suas aprendizagens e estabelecendo uma parceria mais profícua com seus professores (Educação em Revista, 2018, p. 33).

Ensino para desenvolver a autonomia

Ao estimular que seus alunos fossem autodidatas e apostar na autonomia intelectual de cada um, o Colégio XXX, instituição privada de Bogotá, na Colômbia, aprimorou um sistema que hoje faz parte de um seletor grupo de escolas mais inovadoras do mundo pesquisado pela Microsoft. Inspirada nesta iniciativa, e em outras como a School of One, a Quest to Learn, ambas de Nova York (EUA), e a Escola da Ponte, de Portugal, a cidade do Rio de Janeiro busca implementar grandes mudanças. O XXX já está recebendo 240 alunos, dos 7º, 8º e 9º anos, para ter aulas sem separação de turmas e salas, nada de quadros, lousas ou mesas particulares, baseadas na apropriação tecnológica para um ensino personalizado e transdisciplinar, além das avaliações por competências. Tudo isso acontece dentro das famílias, times, orientados por “professores mentores” (Basei, 2014, p. 16)

Ensino para desenvolver a autonomia

O projeto GENTE começou a ser realizado em 2013, na Escola Municipal XXX, da Rocinha. “São três as premissas fundamentais: o aluno no centro do processo do ensino, como seu protagonista; um professor que deixa de ser o detentor único do conhecimento, para atuar muito mais como facilitador e motivador; e foco na personalização da aprendizagem por meio do uso de novas tecnologias como as principais ferramentas”. Explica o subsecretário de Novas Tecnologias Educacionais do Rio de Janeiro, XXX (Basei, 2014, p. 16).

No Canadá, Soft Skills são protagonistas

Apontadas como as principais valências de um profissional nos próximos anos, a soft skills são assunto sério em escolas do Canadá, inclusive na rede pública. A metodologia é orientada para que o aluno se desenvolva por meio de projetos que despertem a curiosidade e reforcem a responsabilidade pelo próprio aprendizado (Pereira, 2020, p. 23).

As enunciações acima mostram um processo que atribui o protagonismo dos alunos frente a seu processo de aquisição de conhecimentos, ao mesmo tempo em que posicionam o professor como facilitador, estimulador ou motivador das aprendizagens discentes. Identificamos no conjunto de excertos supracitados expressões que nos ajudam a sustentar essas ideias: alunos autodidatas; ensino personalizado; professores mentores; aluno no centro do processo de ensino; professor que deixa de ser o único detentor do conhecimento para atuar muito mais como um facilitador e motivador; foco na aprendizagem por meio de novas tecnologias; *soft skills* [...], metodologia é orientada para que o aluno se desenvolva por meio de projetos que despertem a curiosidade e reforcem a responsabilidade pela própria aprendizagem; projetos de personalização do ensino híbrido; sala de aula invertida; estudantes estão protagonizando suas aprendizagens.

Entre as muitas reflexões possíveis de serem estabelecidas a partir dessas enunciações, focaremos na ênfase ao deslocamento do professor que ensina para o educador que facilita a aprendizagem do aluno, acarretando em um processo de esmaecimento da docência. Um dos autores que nos auxilia nessa argumentação é Biesta (2013, 2018, 2020). Segundo ele, nos últimos anos, a área da Educação tem sido marcada por discursos enfatizando muito mais a aprendizagem do que o ensino, como percebemos nas reportagens da ER antes apresentadas.

Biesta (2018) reitera que o uso da linguagem da aprendizagem se faz presente nas discursividades das esferas da pesquisa, da política e de práticas curriculares que posicionam os estudantes como aprendentes, os educadores como facilitadores ou motivadores e as escolas como ambientes de aprendizagem. Para ele, uma das grandes questões a serem discutidas refere-se ao fato de que a linguagem da aprendizagem é limitada como uma linguagem educacional, uma vez que se apresenta vazia de conteúdo e propósito. Ou seja, como é possível identificar nas reportagens acima, ao enfatizarem a aprendizagem são omitidos elementos como conteúdos, propósitos das práticas e um posicionamento mais diretivo por parte dos educadores.

Esse deslocamento das funções do docente é problematizado por Biesta (2018) à medida em que tece uma discussão relevante sobre o ensino e a aprendizagem. Ao passar de um sujeito-ensinante a um sujeito-aprendente é possível visualizar a proliferação de uma discursividade que opera na subjetivação dos profissionais de educação configurando outros modos de ser

professor. Nesse aspecto, Biesta (2018, p. 22) arrazoa que: “O surgimento da linguagem e da lógica da aprendizagem transformou o professor de um ‘sábio no palco’ para um ‘guia ao lado’ – um facilitador de aprendizagem, como na expressão – ou ainda, de acordo com outros, para alguém que ‘fica por detrás das cortinas’”.

É possível observar que há uma espécie de polarização do professor à medida em que ele “vai sendo empurrado para as extremidades” em relação ao ensino. Seguindo a metáfora proposta por Biesta (2018), o educador já não é o detentor do conhecimento, o ator principal da sala de aula, o dono do espetáculo. Passa a assumir um papel secundário, fica nos bastidores, deixa o palco, sai de cena para que os holofotes se voltem para os estudantes, pois são eles - os discentes – que passam a ser os astros do espetáculo. São para eles que os docentes se curvam quando o espetáculo se encerra, ao som dos aplausos. Essa ênfase na aprendizagem em detrimento do ensino, segundo Biesta (2013)

[...] tem facilitado uma nova descrição do processo de educação em termos de uma transação econômica, isto é, uma transação em que (1) o aprendente é consumidor, aquele que tem “certas necessidades” em que (2) o professor, o educador ou a instituição educacional são vistos como provedor, isto é, aquele que existe para satisfazer às necessidades do aprendente em que (3) a própria educação se torna uma mercadoria – “uma coisa” – a ser fornecida ou entregue pelo professor ou pela instituição educacional, a ser consumida pelo aprendente (Biesta, 2013, p. 37-38).

Seguindo o exposto até aqui, percebemos que novos arranjos passam a ser organizados nas escolas, as quais incorporam em suas ações pedagógicas elementos antes restritos às áreas Econômicas e Administrativas, como o discurso do empreendedorismo. Nesse cenário, a educação passa a ser compreendida como uma mercadoria, os estudantes tornam-se clientes e os professores, por sua vez, assumem lugares de provedores que se ocuparão em satisfazer os desejos dos discentes. Como esperamos ter demonstrado ao longo do artigo, nesse processo há um deslocamento de funções antes assumidas por discentes e docentes nos processos de escolarização: os primeiros serão os protagonistas e os próprios responsáveis por sua trajetória escolar; os segundos apenas facilitarão esse processo, amparando e auxiliando, não mais conduzindo e criando estratégias pedagógicas.

O estudo de Lima, Fabris e Bahia (2021) nos ajuda a seguir com algumas reflexões. Ao problematizar, no âmbito da Educação Infantil, os efeitos de práticas nas quais há o protagonismo das crianças em seu processo de escolarização, as autoras destacam que em alguns momentos a responsabilidade pedagógica do professor é esmaecida por técnicas que centram, nas crianças, a responsabilização por sua aprendizagem. Na sequência da

argumentação, as autoras mostram que ao perceberem o esmaecimento da docência, não estão sugerindo ou indicando uma volta às pedagogias centradas exclusivamente nos educadores, sem escutar as vozes dos estudantes. A intenção é, apenas, mostrar que os processos escolares precisam de ações pedagógicas intencionais, coordenadas e conduzidas pelos educadores, sustentadas pelas interações entre professores e alunos, como defende Biesta (2020).

Focando nas reportagens examinadas neste estudo, podemos dizer que a docência contemporânea, sob o imperativo do empreendedorismo, está marcada pelos ideais do *designer*, contribuindo para a emergência de um novo *ethos* docente. Esse novo *ethos* faz com que as práticas empreendedoras sejam inseridas nas escolas sem questionamento. Além disso, posicionam os estudantes em um lugar central enquanto que os educadores ocupam papéis de facilitar ou estimular o desenvolvimento de tais práticas empreendedoras, deslocando-se do lugar de condução e criação de ações pedagógicas nas escolas, gerando um esmaecimento da docência (Biesta, 2018, 2020).

Considerações finais

Ao finalizar o artigo, temos o propósito de apresentar algumas reflexões sobre a pesquisa realizada e indicar possibilidades de futuras investigações, uma vez que estamos cientes da impossibilidade de gerar as respostas finais ou grandes conclusões a partir desse estudo. Isso seria, até mesmo, contraditório à perspectiva teórica aqui adotada. Desta forma, organizamos essa seção final destacando duas dimensões que estão diretamente relacionadas.

Uma das dimensões diz respeito à constituição de uma narrativa vitoriosa sobre o ensino do empreendedorismo nas escolas privadas do RS, sendo posicionado como um imperativo que captura as instituições desde a educação básica até o ensino superior. Como evidenciamos na revisão de literatura, são poucos os trabalhos de pesquisa que questionam ou tensionam as práticas empreendedoras nas escolas ou que refletem sobre as posições de professores e alunos que passam a ser subjugados por tais práticas. Esperamos ter mostrado que o empreendedorismo é apresentado como uma espécie de amuleto para o desenvolvimento econômico do país e dos indivíduos e como elemento que articula educação e mercado. Assim, questões que mereceriam investigações futuras dizem respeito às formas pelas quais o empreendedorismo está presente no currículo escolar: uma verdade inquestionável ou passível de contestação? As práticas empreendedoras estimuladas nas escolas buscam favorecer o crescimento individual ou coletivo?

A segunda dimensão relaciona-se às formas pelas quais são posicionados os educadores quando realizam ações envolvendo o empreendedorismo. Foi possível identificar que passam a ocupar lugares diversos do ensinar, assumindo papéis que os colocam em uma espécie de colaboradores ou facilitadores de aprendizagem. Surgem, nas reportagens examinadas, inúmeras definições para o professor: gestor, tutor, mediador, mentor. Em vista disso, identificamos um (re)posicionamento docente que, potencializado pelo *design*, conduz ao esmaecimento da docência. Nesse ponto, consideramos pertinente atentar que esse esmaecimento da docência talvez não esteja vinculado apenas às práticas vinculadas ao empreendedorismo, mas torna-se um efeito dos discursos pedagógicos que estão posicionando, cada vez mais, os educadores nessas posições de auxiliares em detrimento da condução e criação de ações pedagógicas. Isso nos leva ao desafio de seguir investigando os modos contemporâneos da docência.

Finalizando, é preciso dizer que, seguindo uma reflexão foucaultiana, não se trata de validar ou não as práticas empreendedoras, mas atentar para os efeitos delas sobre as subjetividades de alunos e professores e sobre um projeto de sociedade que passa a ser desenhado, também, nas escolas. Nosso ofício de educadoras e pesquisadoras nos impulsiona a seguir refletindo, estudando e investigando as questões relacionadas à educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. Professor, o gestor da sala de aula. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 118, p. 34, set./out. 2017. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/118>. Acesso em: 13 set. 2020.

ANDRADE, L. O professor pode ser um mentor de aluno? **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 129, p. 10, set./out. 2018. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/129>. Acesso em: 13 set. 2020.

BASEI, A. C. Ensino para desenvolver a autonomia. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 102, p. 16, nov./dez. 2014. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/102>. Acesso em: 13 set. 2020.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BIESTA, G. O dever de resistir: sobre escolas, professores e sociedade. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 21-29. jan/abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29749>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BIESTA, G. **A (re)descoberta do ensino**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2020.

BRASIL. **Lei n. 2944/2021, de 24 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir os temas do empreendedorismo e da inovação nos currículos da educação básica e superior. Brasília, DF: Senado Federal. 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/149527>. Acesso em: 15 maio 2022.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2022.

COSTA, S. S. G. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 171-186. maio/ago. 2009.

DAL'IGNA; M. C.; FABRIS, E. T. H. Constituição de um ethos de formação no Pibid/Unisinos: processos de subjetivação na iniciação à docência. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 19, n. 1, jan/abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2015.191.8582>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DALLA ZEN, L. H. **O lugar das experiências culturais na constituição de um ethos docente**. Orientador: Rosa Maria Bueno Fischer. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDUCAÇÃO EM REVISTA. Alunos do Santa Dorotéia aprendem a empreender. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 100, p. 35, jun./jul. 2013. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/100>. Acesso em: 13 set. 2020.

EDUCAÇÃO EM REVISTA. Como a sua instituição trabalha com as metodologias ativas? **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 128, p. 33, jun./jul. 2018. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/128>. Acesso em: 13 set. 2020.

EDUCAÇÃO EM REVISTA. Palestras inspiradoras no Colégio Anchieta. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 126, p. 36, fev./mar. 2018. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/126>. Acesso em: 13 set. 2020.

FEDRIZZI, A. A escola e os novos cenários. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 123, p. 22-26, ago. 2017. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/123>. Acesso em: 13 set. 2020.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAIMAN, L. **Empreendedorismo e projeto de vida: 4º ano: Ensino Fundamental**. São Paulo: FTD, 2016.

GAMBA, V. Em busca da sintonia perfeita. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 98, p. 23, jun./jul. 2013. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/98>. Acesso em: 13 set. 2020.

GAMBA, V. Empreendedorismo pode começar na sala de aula. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 120, p. 23-24, fev./mar. 2017. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/120>. Acesso em: 13 set. 2020.

HORN, C. I.; FABRIS, E. T. H. A docência Designer na Educação Infantil. *In*: FABRIS, E. T. H.; DAL'IGNA, M. C.; SILVA, R. R. D. **Modos de ser docente no Brasil Contemporâneo: articulações entre a pesquisa e formação**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2018.

LIMA, S.; FABRIS, E. T.; BAHIA, S. B. Docências contemporâneas na educação infantil: um ensaio sobre a posição do ensino. **Educação em Foco**, v. 24, n. 43, p. 104-127, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/5182>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOCKMANN, K.; MACHADO, R. Pátria educadora? uma análise das propostas para o ensino público brasileiro. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 128-152, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0020>. Acesso em: 15 set. 2020.

LOPES, M. C. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 159-169, maio/ago. 2009.

MENGUE, A. P. **Pedagogia Empreendedora: um estudo sobre o empresariamento de si a partir da metáfora sonho**. Orientador: Viviane Klaus. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.

MORAES, R. M. **Educação Empreendedora no Ensino Fundamental: uma investigação sobre o programa de educação empreendedora Sebrae – jovens empreendedores Primeiros Passos – JEEP em Pejuçara, RS**. Orientador: Artur Eugênio Jacobus. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos, e estratégias analíticas. *In*: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

PASTORE, S. Ensino customizado: uma nova proposta pedagógica. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 112, p. 10, set./out. 2015. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/112>. Acesso em: 13 set. 2020.

PEREIRA, P. No Canadá, soft skills são protagonistas. **Educação em Revista**, Porto Alegre, n. 136, p. 23, jan./fev. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/136>. Acesso em: 13 set. 2020.

PRYTOLUK, A. L. **Articulações entre a educação empreendedora e o ensino de ciências**. Orientador: Maria do Rocio Fontoura Teixeira. 2019. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RAZZOLINI FILHO, E. **Administração de pequena e média empresa**. Curitiba: IESDE; Brasil S.A, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. **Censo Escolar 2017 – Dados Finais**. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://servicos.educacao.rs.gov.br/pse/srv/estatisticas.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, I. D. C. **Infantocracia**: deslocamentos nas formas de compreender e viver o exercício do governo infantil na racionalidade neoliberal. Orientador: Alfredo José Veiga-Neto. 2018. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. *In*: COSTA, M. V. (org.). **A Escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA-NETO, A.; SARAIVA, K. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187-201, maio/ago. 2009.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, viabilizado pelo Edital de Recursos Docentes (PROEX-2023) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Disponíveis no site: <https://sinepe-rs.org.br/servicos/educacao-em-revista/detalhe/139>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Contribuições dos autores: As autoras trabalharam juntas e compuseram o texto de forma dialógica.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

